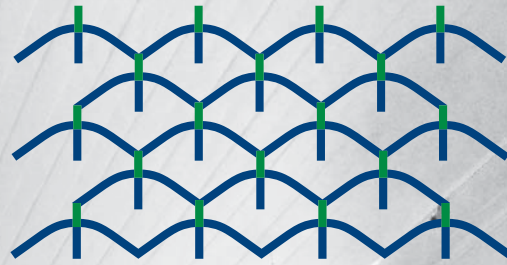


# MUSEUS & MUSEOLOGIA



DESAFIOS DE UM CAMPO  
INTERDISCIPLINAR

MONIQUE BATISTA MAGALDI  
CLOVIS CARVALHO BRITTO  
Organizadores



Nos últimos anos ocorreram transformações na configuração dos cursos de Museologia no Brasil. Até 2003, existiam em atividade dois cursos de graduação em Museologia no país, o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e o da Universidade Federal da Bahia. Após essa data foram criados doze cursos nas cinco regiões do país, incluindo o da Universidade de Brasília em 2008. Também tem crescido o número de cursos de pós-graduação, publicações e eventos em Museologia. Essas transformações contribuem para reforçar as estratégias de vigilância comemorativa – instituindo marcos fundacionais, mitos de criação e ritos de passagem através de agentes, agenciamentos e obras – e, conseqüentemente, de fabricação de legados por meio de “explosões discursivas” em um campo interdisciplinar.

Na verdade, é importante problematizar a multiplicidade de conceitos em torno da interdisciplinaridade. Na maioria das vezes ela é analisada de modo unívoco, tendo como referência sua etimologia ou suas diferenciações com o multi e o transdisciplinar. Não é sem razão que existem diferentes “tradições” que a investigam sob as perspectivas epistemológica, instrumental e fenomenológica. Por isso é fundamental também compreendê-la como uma construção permeada por intencionalidades. No caso da Museologia como campo interdisciplinar privilegiado trata-se de visualizá-la como fruto de táticas de vigilância comemorativa e de fabricação de legados, projeto no qual este livro e seus autores estão inseridos.

Esta publicação celebra os dez anos da aprovação do curso de Museologia no Conselho Universitário da Universidade de Brasília e assume uma vocação metalinguística ao se tornar uma memória de itinerários de pesquisa sobre a memória. Os textos aqui reunidos contribuem, de certo modo, para a história da emergência de alguns problemas centrais no campo dos museus e da Museologia, explicitando possibilidades de pesquisa. O intuito foi mapear distintos itinerários de investigação, apontando estratégias, conquistas e rupturas em um momento de profundas redefinições nos repertórios da memória.



Fotografia: Monique Magaldi  
Museu Nacional/UFRJ, 2011



Realização:



Apoio:



MONIQUE BATISTA MAGALDI

CLOVIS CARVALHO BRITTO

**Organizadores**

**MUSEUS & MUSEOLOGIA:**

DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

Brasília

UNB – CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

2018



## **Comitê Editorial**

Dra. Ana Albani – Universidade Federal do Rio Grande do Sul;  
Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes – Universidade de Brasília;  
Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers – Universidade de Goiás;  
Dra. Júlia Nolasco Leitão Moraes – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;  
Dra. Joseania Miranda Freitas – Universidade Federal da Bahia;  
Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha – Universidade Federal da Bahia;  
Dra. Maria Margaret Lopes – Universidade de Brasília;  
Dra. Marize Malta – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Dom João VI  
Dra. Zita Rosane Possamai – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **Projeto Gráfico**

Maíra Zannon | Ilha Design

## **Fotografia de Capa**

Monique Magaldi

M986      Museu & museologia : desafios de um campo interdisciplinar /  
Monique B. Magaldi, Clóvis Carvalho Britto, organizadores. –  
Brasília : FCI-UnB, 2018.  
186 p. : il.; 21 cm.

Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-88130-51-7

1. Museologia. 2. Museu. 3. Pesquisa. I. Magaldi, Monique B.  
(org.). II. Britto, Clóvis Carvalho (org.).

CDU 069





# SUMÁRIO

<b>A MUSEOLOGIA É UMA ILHA DE EDIÇÃO: VIGILÂNCIA COMEMORATIVA E FABRICAÇÃO DE LEGADOS.....</b>	<b>9</b>
MONIQUE BATISTA MAGALDI CLOVIS CARVALHO BRITTO	
<b>10 ANOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....</b>	<b>15</b>
MONIQUE BATISTA MAGALDI	
<b>PESQUISA EM MUSEUS E PESQUISA EM MUSEOLOGIA: DESAFIOS POLÍTICOS DO PRESENTE.....</b>	<b>19</b>
BRUNO BRULON	
<b>“SERVE PARA O DESUSO PESSOAL DE CADA UM”: NOTAS SOBRE A PESQUISA E O INDIZÍVEL NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
CLOVIS CARVALHO BRITTO	
<b>OS MUSEUS E OS PRIMÓRDIOS DA MUSEOLOGIA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX.....</b>	<b>61</b>
ANDREA FERNANDES CONSIDERA	
<b>A CULTURA DO PATRIMÔNIO NA BAHIA: PESQUISAS EM ANDAMENTO (1835-1970).....</b>	<b>73</b>
SUELY MORAES CERÁVOLO	
<b>A COLEÇÃO ABELARDO RODRIGUES E OS OBJETOS RELIGIOSOS COMO OBRAS DE ARTE EM MUSEUS.....</b>	<b>83</b>
EMERSON DIONÍSIO GOMES OLIVEIRA	

<b>O TRAJE DE OYÁ IGBALÉ: PRESSUPOSTOS PARA A PESQUISA EM ARTE A PARTIR DA INDUMENTÁRIA DE CANDOMBLÉ MUSEALIZADA.....</b>	<b>99</b>
MARIJARA SOUZA QUEIROZ	
<b>MUSEU ANTROPOLÓGICO E BACHARELADO EM MUSEOLOGIA DA UFG: DINÂMICAS DE ATUAÇÃO CONJUNTA E INTERDISCIPLINAR.....</b>	<b>117</b>
MANUELINA MARIA DUARTE CÂNDIDO NEI CLARA DE LIMA	
<b>CIBERMUSEOLOGIA E MUSEOLOGIA VIRTUAL: AS DIFERENTES DEFINIÇÕES DE MUSEUS ELETRÔNICOS E SUA RELAÇÃO COM O VIRTUAL.....</b>	<b>135</b>
MONIQUE BATISTA MAGALDI BRUNO BRULON MARCELA MARIA FREIRE SANCHES	
<b>MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO EXERCÍCIO DE CIDADANIA.....</b>	<b>157</b>
SILMARA KUSTER DE PAULA CARVALHO	
<b>GALERIA DE FOTOS DO I ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR.....</b>	<b>177</b>



# A CULTURA DO PATRIMÔNIO NA BAHIA: PESQUISAS EM ANDAMENTO (1835-1970)

Profa. Dra. Suely Moraes Cerávolo<sup>1</sup>

Certa vez o prof. Dr. Rui Coelho<sup>2</sup> disse em sala de aula: não somos nós que abrimos as portas; as portas se abrem para nós. Foi o que ocorreu.

Ainda na fase de qualificação para o doutorado, trabalhando com décadas da revista *Museum/Unesco*, seguindo as instruções do historiador Roger Chartier de ler as *marcas* das publicações (preço, editorial, comissões etc.), observei que o baiano José Valladares, em 1948, foi o único representante do Brasil a integrar o comitê editorial daquela publicação internacional. Depois, como docente do curso de Museologia da Bahia, o então aluno Julio Chaves me apresentou *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos* de José Valladares (publicado em 1946, reeditado em 2010). Em 2005, comecei a pesquisa que resultou no estudo sobre o Museu do Estado da Bahia. A partir de então uma série de portas se abriram.

A essa altura com mais de uma década de pesquisas – o que parece muito, no entanto, é pouco pensando no investimento para se chegar a resultados –, o que trago está mais para uma série de pontos desenvolvidos até certo nível de aprofundamento. Usando de figuração posso dizer que o tabuleiro de pontos tem lacunas, e os fios que interligam um ponto a outro podem ainda ser reforçados.

Portanto, trago algo inconcluso e inacabado – se é que algo finda em pesquisa! Tenho a esperança de ampliar a conexão entre os pontos com a intervenção da lenta arqueologia de fontes<sup>3</sup>, a participação de alunos da graduação ao doutoramento, além da paciência ‘oriental’ para cerzir retalho a retalho. Proponho, provisoriamente, uma possibilidade de abordagem entre eles, comentada adiante.

---

1 Professora do Departamento de Museologia, FFCH/UFBA e nos Programas de Pós-Graduação em Museologia e em História da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa Observatório da Museologia na Bahia; Linha História da Museologia na Bahia (CNPq).

2 O prof. Dr. Rui Coelho (1920-1990) foi antropólogo, docente, dentre outras instituições universitárias, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (USP).

3 Pesquisas acopladas ao GP Observatório da Museologia na Bahia (CNPq), a Linha 1 do PPG Museu e PPG História/ FFCH/UFBA, e o amparo do PIBIC/UFBA e CAPES (Bolsa Produtividade 2015-2018).



Poder-se-ia perguntar o que nos move no labirinto da pesquisa?

No meu entender, a pesquisa é: **curiosidade** em encontrar respostas, boa dose de gosto e prazer pelo **desafio** em entrar no labirinto que nem sempre leva a uma saída, e **inconformismo** em aceitar o que parece ‘pronto’ descreditando de fórmulas afirmativas do ‘é assim mesmo’, quando não o é. Informo, porém, que alcançar resultados (ainda que parciais) não sossega o espírito.

Ao começar uma pesquisa se tem, tecnicamente, um problema. Mas, no caminhar e envolvimento com o tema, descobre-se que o horizonte é muito mais amplo do que se pode imaginar; há mais dúvidas do que certezas – o problema inicial se desdobra em muitos apontando para questões que podem ficar sem respostas, e respostas dependem do que está por descobrir – o terreno das hipóteses mais parece pântano.

Falo de pesquisa como caminho de idas e vindas, cheio de volteios em que não faltam as frustrações, alguma alegria e, talvez, algumas repercussões. Em pesquisa, vive-se *moto-contínuo* bem representado na litogravura *Relatividade* de Maurits Cornelis Escher (1898-1972).

**Fig. 1** – Relatividade



Fonte: Litografia do artista holandês MC Escher, dezembro de 1953.

O que me move para a pesquisa é a certeza (cada vez mais comprovada) que os estudos sobre o colecionismo, gabinetes, museus e exposições contribuem efetivamente para a compreensão, no presente caso, da história cultural da Bahia. É preciso dizer que



a linha de pesquisa História da Museologia na Bahia, ramo do Grupo de Pesquisa (GP) Observatório da Museologia na Bahia (CNPq), investe, por meio dos pesquisadores e alunos, na consolidação dos estudos historiográficos sobre esses temas. Cito entre meus colegas, o prof. Dr. Marcelo Nascimento Cunha, meu parceiro de trocas intelectuais que me instiga a olhar a contrapelo, com pesquisa em andamento sobre a tortuosa trajetória da coleção Estácio de Lima, que teria se iniciado com Nina Rodrigues.

Da pesquisa individual e da participação de alunos, o que tenho em mãos não teve determinação prévia. A rede foi se formando pelo interesse em determinadas manifestações museológicas e patrimoniais, por enquanto, mais centradas na cidade do Salvador. Iniciou-se, como disse antes, em um ponto determinado no tempo (1918-1959, o estudo do Museu do Estado da Bahia), deslocando-se para trás e para a frente. Atualmente estamos na faixa entre 1835 a, aproximadamente, 1970. Se pudéssemos sobrepor os resultados alcançados até o momento teríamos camadas, ao modo de estratigrafia, de formato irregular e lacunado.

O interessante é que cada investigação situa-se em períodos políticos convencionados para a história do Brasil em – Império, Primeira República, Estado Novo, Ditadura Militar e Redemocratização – cada um deles com projetos determinados para o que seria o nacional, repercutindo no papel e na posição do regional, e projetos determinados para moldar a cultura (e educação) brasileira, na intenção de civilizar para ... civilizar! (Isso quer dizer: enquadrar os *incivilizados*). Cruzando do século XIX para o XX as agendas políticas privilegiaram ou não o Nordeste, o litoral teve mais atenção que o sertão, mas, fosse qual fosse o momento, os interesses econômicos não deixaram de prescrever discursos (e ações) justificados pelo bem e progresso da Nação. Nesse enquadramento flutuante se encaixam as expectativas em formar coleções, museus e exposições com a participação de agentes políticos, sociais e culturais, sujeitos envolvidos, via de regra, em grupos da elite.

As manifestações que acreditamos de natureza museológica ou museal (para se usar o vocabulário da área) estão sempre vinculadas a uma malha de predileções. Se é verdade que o patrimônio cultural é tanto “espaço de imaginação como de especulação” (OSPINA, 2016), acredito mais na *especulação da imaginação* mobilizada por categoriais sociais e intelectuais privilegiadas, favorecendo determinadas interações que tanto socializam ideias quanto disseminam aspirações e propõem modelos para pensar, agir e se comportar. De todo modo, a meu ver, o patrimônio cultural não é alimentado somente de memória social e identidades.

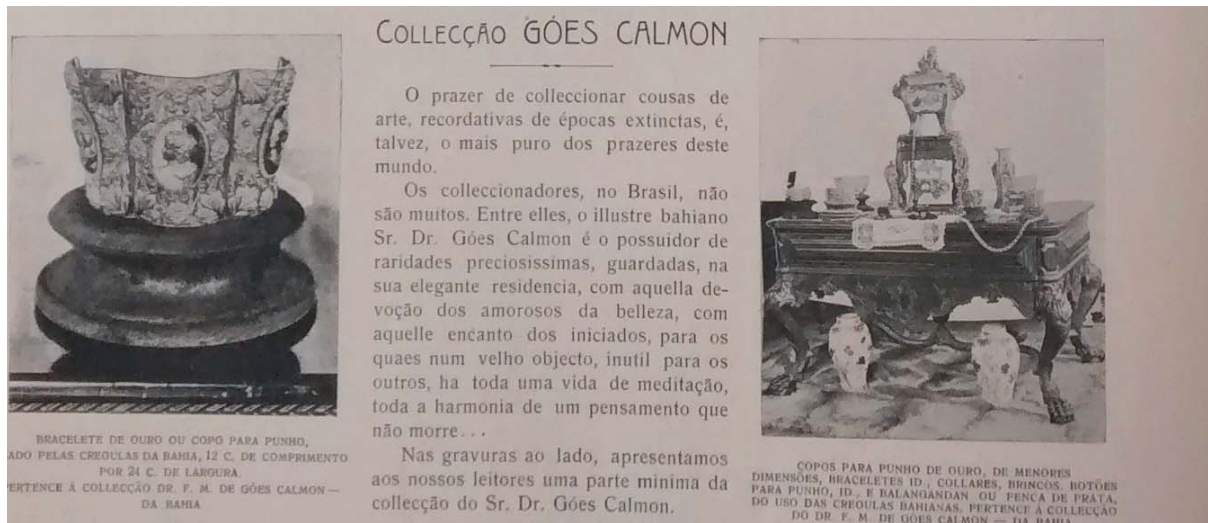


As pesquisas em andamento cobrem temas que, agrupados em categorias para fins didáticos, os separam, não obstante o entranhar de um no outro. O colecionismo, por exemplo, ativa a formação de museus, caso da coleção de peças de história natural, recolhida pelo viajante francês Jean-Baptiste Douville que, ao cruzar terras da Província da Bahia, doa, em 1835, o material para formar um gabinete, oficializado pela administração do governo na cidade do Salvador que, por sua vez, o transforma em museu no Liceu Provincial para fins de estudo e instrução (CERÁVOLO & RODRIGUEZ, 2018). Igualmente, o colecionismo da senhora Henriqueta Martins Catharino acoplou as coleções em museus no Instituto Feminino da Bahia (particular), para dar a ver às alunas peças de artes decorativas e de arte popular<sup>4</sup>. No sentido inverso, a criação de museus impulsiona o colecionismo como aconteceu no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia que, logo quando da sua criação (1894), propôs abrigar artefatos indígenas, objetos de “homens notáveis” e amostras de produtos naturais (CERÁVOLO, 2017). Temos outro exemplo no Museu do Estado da Bahia iniciado com o recolhimento de peças espalhadas por repartições públicas (em 1916), acrescido de doações, compras e empréstimos. O acervo diversificado se ampliou e, com o tempo, tomou a direção das artes decorativas quando da compra pelo Estado (por volta dos anos 1940) da coleção e casa Góes Calmon (CERÁVOLO, 2011). Ressaltamos que essa mesma coleção foi divulgada na revista Bahia Ilustrada por volta de 1918, evidenciando o prazer em colecionar a arte – “o mais puro dos prazeres deste mundo”.

---

4 Estudos que contribuem para a compreensão do colecionismo de Henriqueta Catharino: Ana Karina Rocha de Oliveira - *Museologia e Ciência da Informação: distinções e encontros entre áreas a partir da documentação de um conjunto de 'roupas brancas'*. ECA/USP, 2009 < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27102009-002603/pt-br.ph>>; de Marijara Souza Queiroz PPG Artes Visuais/EBA/UFBA), e o artigo De Escola para mulheres a museu feminino: O colecionismo de Henriqueta Martins Catharino. < [https://www.15snhct.sbhc.org.br/resources/anais/12/1474401190\\_ARQUIVO\\_DatosMarijaraadjuntossintitulo02410.pdf](https://www.15snhct.sbhc.org.br/resources/anais/12/1474401190_ARQUIVO_DatosMarijaraadjuntossintitulo02410.pdf)>; de Joana Angélica Flores Silva - *A Representação das mulheres negras nos museus de Salvador: uma análise em branco e preto*. PPG Museu/UFBA, 2015 < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18548/1/JOANA%20SILVA.pdf>>. Sobre o colecionismo na Bahia: SANTOS, Jancleide Souza dos. *Coleções, colecionismo e colecionadores: um estudo sobre o processo de legitimidade artística da produção de arte popular na Bahia (1940-1960)*. PPG Artes Visuais, EBA/UFBA, 2013.

**Fig. 2** – Bahia Illustrada, março de 1918.



Fonte: Acervo Instituto Feminino da Bahia.

Exposições, outra categoria de análise, decorrem facilmente do colecionamento ligado ou não a museus. E, mais uma vez, se tem o Instituto Feminino da Bahia, com mostras temporárias para apresentar partes das coleções ou peças em empréstimo, reproduzindo, por meio do discurso descritivo museográfico (prescritivo a um só tempo), modelos de percepção social com vistas a manter a estrutura das relações de gênero e classe (CERÁVOLO, 2016). Exposições, diga-se, são casos ricos de análise que demonstram a manipulação das coisas (BRITTO, 2018). Tem-se que o século XIX foi momento em que surgiram muitos museus. Foi também o século em que o modelo-exposição se espalhou pelo mundo ocidental por meio das Exposições Universais, reproduzido, em menor escala, na Bahia como província do Brasil (e, depois, na Primeira República) engajada nos projetos de modernização de Pedro II (CUNHA, 2010).

Quanto ao patrimônio cultural da Bahia, é preciso lembrar que o próprio Rodrigo M. F. de Andrade afirmou que, ao assumir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan em 1937), encontrara solo germinado para federalizar a preservação do patrimônio, atribuindo, dentre os antecessores, os institutos históricos. Na Bahia, a Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais (uma década antes, em 1927; depois Inspetoria de Museu e Monumentos, em 1938) agiu contra a destruição de bens imóveis e a evasão de bens móveis considerados significativos para a história e memória histórica do estado e do Brasil (CERÁVOLO, 2012). Levantamentos realizados pelo historiador Francisco Borges de Barros, membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia,



diretor do Arquivo Público e do Museu do Estado da Bahia, foram *a posteriori* usados como referência para os primeiros tombamentos do SPHAN (DÓCIO, 2015).

Com a atuação do SPHAN (que se tornou “dono” do discurso técnico sobre o patrimônio) (SANTA’ANA, 2015) contando na Bahia com a parceria de intelectuais (e da Universidade para instalação do Museu de Arte Sacra), José Valladares, cronista, denuncia a destruição e demolição de edificações que poderiam integrar o patrimônio arquitetônico civil. Em dois conjuntos de notas publicadas em jornais soteropolitanos, ele convida o leitor a repensar a preservação da cidade do Salvador: “Bahia Ameaçada”<sup>5</sup> (SOUSA & CERÁVOLO, 2015) e “Conhece Tua Cidade” onde expande o perímetro de edificações a serem preservadas segundo o SPHAN, incluindo “casinhas” que poderiam passar despercebidas. Nesse momento, por volta do final da década de 1950, a capital baiana era alvo da especulação imobiliária e a Construtora Norberto Odebrecht S.A Comércio e Indústria promoveu a publicação *Homenagem à Bahia Antiga* (1959-1960), replicando grande parte das notas escritas por José Valladares, que acabara de falecer. Com isso, a empresa procura reconhecer que a demolição de prédios antigos destruía o patrimônio histórico, artístico e social que distinguia a cidade do Salvador e, por outro lado, que os empreendimentos contribuíam para o progresso da capital. Manter as edificações significava incentivar o turismo (negócio), do mesmo modo que proteger pontos paisagísticos que não escapavam da mira do SPHAN (a exemplo da orla marítima do Atlântico, o Dique do Tororó dentre outros) (CERÁVOLO, 2016).

Nessas manifestações preservacionistas, observa-se a contínua participação de grupos, como dito anteriormente, da elite política, econômica e cultural. Se há um estrato ideológico evidentemente sustentado pelo social, provendo subsídios para disseminar a idéia de um patrimônio que pretende unir a todos, me parece válido incluir questões provadoras pensando-se em pontos distintos no tempo: o que os une – se é que une - e em que termos? Em que base (ou bases) se assentou a ideia de patrimônio cultural na Bahia, e quais as mudanças no ideário que interferiram nessas mesmas ideias? E mais, quais os fatores e ocorrências que fizeram com que tradições e motivações fossem inventadas, renovadas ou transmutadas?, pois é disso que estamos tratando.

---

5 SOUSA, Carla Dias; CERÁVOLO, S. M. “Bahia Ameaçada”: a visão de patrimônio cultural arquitetônico de José Valladares (1958-1959). *Revista Museologia e Patrimônio*, 2015, vol. 1:119-137. Originalmente trabalho de monografia de final do curso Museologia.





Parece consenso que as práticas (aqui as culturais) criam e nutrem o patrimônio cultural. De modo bem simplista, falar em práticas é dizer de atividades, rotinas, modos de transmissão, portanto, de uma espécie de comportamento constante que se torna atávico *como se fosse natural*. Então, não há mudanças?

Ora, as *práticas efetivamente práticas* (disposições duráveis no vocabulário de Pierre Bourdieu), caso do colecionismo, gabinetes, museus e exposições - com séculos de exercício - estão sujeitas a fissuras e podem ser “*transponíveis*” (grifo meu) (BOURDIEU, 2009, p. 134-135). Na possibilidade de transpor as práticas temos a brecha para investigar as mutações, as singularidades, os ajustes e as adaptações – aqui locais e regionais – mesmo levando em conta o constante intercâmbio com o exterior (do qual emanaram/emanam modelos) ou, ainda, considerando as influências do que acontecia e se fazia em terras brasileiras.

Passo, então, à recomendação do historiador Nilo Odalia para avaliar e considerar o “nosso [próprio] acontecer histórico”, e identificar a “autonomia nascida de uma experiência histórica singular” (ODALIA, 1997, p. 13). Se lidamos com as *formas do mesmo*, parafraseando o historiador, o ‘mesmo’ se adéqua aos tempos. Dito de outro modo: há permanências que carregam traços, mas os traços não são sempre iguais. Pode-se então ampliar as questões provocadoras perguntando: se há movimento - modificado ou rompido - nas práticas culturais/práticas museológicas, quais contingências na Bahia impulsionaram as práticas museológicas a tal ponto de nutrirem o fluxo constitutivo do patrimônio cultural baiano?

Chego à hipótese provisória de que talvez o elo mais constante tenha sido, e continue sendo, a plataforma mantida por uma *cultura em prol do patrimônio*. Cultura aqui no sentido de cultivo relativamente consciente, proposital, que se enraiza e expande a influência, por vezes sem grandes alardes, mas, com potência para fincar ramificações a partir de estratégias bem dirigidas, em um jogo manipulado por interesses, não sem conflitos e disputas, território das intervenções e negociações as mais variadas (CANCLINI, 1997).

Pensar em *cultura do patrimônio* possibilita o exame mais detido de evidências regionais para detectar a formação do patrimônio cultural na Bahia, em momentos distintos da historiografia oficial. Certamente, a dinâmica das formas se dá com permanências e continuidades e, simultaneamente, com mudanças. A cultura é ativa e nos informa igualmente do simbolismo demarcado por controle, gestos seletivos e prestígio pouco dialético nos tempos em foco.



O gráfico abaixo tem o intento de ilustrar lances conceituais que se inter-relacionam para chegar a certa abordagem e sustentação da noção de *cultura do patrimônio*.

**Fig. 3** – Gráfico ilustrativo



Fonte: Cerávolo (2018)

Isso posto, e no labirinto das *espessuras* que preconizam determinados valores culturais, findo as considerações deixando dúvidas e, ao mesmo tempo, a pretensão de um legado para quem se interessar.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. 'A lógica da prática'. In: *O senso prático*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2009: 134-135.

BRITTO, Clovis Carvalho. e *Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita*. Salvador : EDUFBA, 2018.



CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Uma análise sobre museus na década de 1940: o estudo de José Antonio do Prado Valladares. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.2, abr.-jun. 2012, p.769-773. Disponível < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19n2/27.pdf>>. Acesso 27 set.2018

CERÁVOLO, Suely Moraes. 'Colecionando "homens e cousas": por um perfil do Museu do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894 a 1927)'. *Revista do IGHB*, Salvador, v. 112, 2017: 97-134.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Exposições temporárias para "senhoras e senhoritas" da sociedade baiana: o discurso performativo do Instituto Feminino da Bahia (1920 a 1968). Disponível < [http://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1486583730\\_ARQUIVO\\_1472552711\\_ARQUIVO\\_CERAVOLOANPUHrevisto08.016k.pdf](http://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1486583730_ARQUIVO_1472552711_ARQUIVO_CERAVOLOANPUHrevisto08.016k.pdf) >.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Brazilian Ark: The Museum of the Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894–1927). *Museum History Journal*, Vol. 9 No. 1, Month, 2015, 1–15

CERÁVOLO, Suely Moraes. A Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais da Bahia: do discurso à ação (1927-1938). Museu Histórico Nacional – Seminário Internacional 90 Anos do Museu Histórico Nacional em Debate (1922-2012) - Mesa-redonda "Primeiras iniciativas de preservação do patrimônio" - 2 de outubro 2012 - Rio de Janeiro. Disponível < <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=62112>>.

CERÁVOLO, Suely Moraes. O Museu do Estado da Bahia, entre ideais e realidades (1918 a 1959). *Anais do Museu Paulista*, vol.19 no.1. SP - 2011 < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142011000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142011000100007)>.

CERÁVOLO, Suely Moraes; RODRIGUEZ, Mariana Cerqueira. 'Colecionismo na Bahia Oitocentista: o Gabinete de História Natural (1835-1889)'. Aprovado para publicação em 08/10/2018. *Revista Brasileira de História da Ciência (SBHC)*.



CUNHA, Cinthia da Silva. *As exposições provinciais do império: a Bahia e as exposições universais (1866 a 1888)*. Dissertação. PPG História, FFCH/UFBA, 2010. Disponível < <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/12017>>.

CERAVOLO, S. M. A cidade do Salvador: “memória a céu aberto” e a disputa de sentidos na preservação do patrimônio arquitetônico civil (1959). Rio de Janeiro, 2016 Disponível < <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/A028-SUELY-MORAES-CERAVOLO-normalizado.pdf>>; VER TB < <http://www.museologia.ffch.ufba.br/outros-textos>>.

DÓCIO, Vanessa de Almeida. *Sob o signo da pedra e cal: trajetória da política de preservação do patrimônio histórico e arquitetônico no Estado da Bahia (1927-1967)*. Dissertação, PPG História, 2015. Disponível < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17625>>.

ODALIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaio sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Viana*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

OSPINA, Johnny Meca. Patrimonio cultural: espacio de imaginación o de especulación?. Cuadernos de patrimonio cultural. Reflexiones contemporâneas, Colômbia, UPTC TUNJA, 2016, p. 27-44. Disponível < [http://www.uptc.edu.co/export/sites/default/facultades/f\\_educacion/maestria/patrim\\_cultural/inf\\_adicional/documentos/cuadernos\\_patri\\_cultural.pdf](http://www.uptc.edu.co/export/sites/default/facultades/f_educacion/maestria/patrim_cultural/inf_adicional/documentos/cuadernos_patri_cultural.pdf)>. Acesso 16.09.2018.

SANTA'ANA, Marcia. *Da cidade-monumento à cidade-documento: a norma de preservação de áreas urbanas no Brasil 1937-1990*. Salvador: Oiti Editora, 2015.

SOUSA, Carla Dias; CERÁVOLO, S. M. “Bahia Ameaçada”: a visão de patrimônio cultural arquitetônico de José Valladares (1958-1959). *Revista Museologia e Patrimônio*, 2015, vol. 1:119-137. Disponível < [revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/.../372](http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/.../372)>.



# GALERIA DE FOTOS DO I ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

Fotografias: Yasodara Lemos











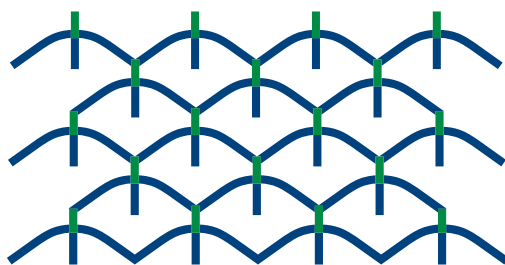








# MUSEUS & MUSEOLOGIA



## DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

MONIQUE BATISTA MAGALDI  
CLOVIS CARVALHO BRITTO

Organizadores

Brasília

UNB-CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

2018

A pesquisa como uma das funções básicas dos museus, os museus como fontes e espaços privilegiados para a pesquisa e a Museologia como campo do saber que reflete sobre as implicações dos processos museológicos são o *leitmotiv* desta publicação.

Este livro reúne textos resultantes de pesquisas no campo dos museus e da Museologia apresentados pelos palestrantes ou elaborados pela comissão científica e organizadora do **I Encontro de Museologia da Universidade de Brasília** ocorrido entre os dias 8 e 10 de outubro de 2018. Ele consiste no registro de um significativo momento de reflexão que envolveu pesquisadores de diversas instituições brasileiras e no estímulo para novos trabalhos conforme destacado no subtema do evento: “desafios para um campo interdisciplinar”.

